

**DAS JANELAS:** *os sonhos nas fotografias banais da primeira metade do século XIX e o que eles nos fazem ver a respeito do presente*

**Fabiane da Silva de Souza<sup>1</sup>**

Algumas das primeiras fotografias, feitas por seus diferentes inventores, são de vistas de uma janela. A conhecida heliografia de Niépce (*Point de vue du Gras*) foi feita do primeiro andar de sua casa de campo, em Saint-Loup de Varennes, leste da França, entre 1826 e 1827, e é considerada a mais antiga fotografia que sobreviveu, feita com uma câmera. Alguns anos mais tarde, em 1835, de uma janela na abadia Lacock, uma construção histórica no interior da Inglaterra, datada de 1232, onde morava com sua família, William Henry Fox Talbot, sem conhecer os trabalhos de Niépce, também inventava a fotografia. *A linha do telhado da abadia Lacock (The roofline of Lacock Abbey)* é um negativo em papel e fazia parte dos experimentos do cientista a respeito da sensibilidade dos materiais à luz. Alguns anos depois, em 1838, Louis-Jacques-Mandé Daguerre, da janela de seu estúdio, próximo à Praça da República, em Paris, fez uma fotografia com sete minutos de exposição, *Boulevard du temple*. Vista um pouco mais detidamente, encontramos o motivo de essa imagem de Daguerre ser tão famosa: ainda que tenha sido feita em uma avenida movimentada, devido ao tempo de exposição é possível distinguir claramente apenas uma pessoa, com a perna erguida, que tinha os sapatos sendo engraxados e que ficou na mesma posição por tempo suficiente para restar na foto (apesar de controvérsias, é frequentemente considerada a primeira fotografia em que aparece uma figura humana).

O que essas três fotografias têm em comum além de terem sido feitas da vista de uma janela? Almejando dominar o tempo (que se transformava), esses inventores, não tão preocupados com a cena propriamente dita, imprimiram, na banalidade da vista da janela, anseios da época da emergência da fotografia – sonhos de um mundo impaciente. Essas fotografias, podemos dizer, contêm algo que aconteceu e também algo que não aconteceu: em sua impossibilidade técnica, há o vestígio da inquietação de apreender e de fixar um mundo que corria. Dobrando o tempo, essas três fotografias se inclinam para o passado e para o futuro: deste presente que as olha, alguns sonhos se tornam legíveis, por meio de um gesto

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Comunicação (UnB), na linha de pesquisa Imagem, estética e cultura contemporânea, sob a orientação da Profª. Dra. Claudia Sanz. E-mail: [fabianeedesouza@gmail.com](mailto:fabianeedesouza@gmail.com).

teórico que vê não somente o passado na fotografia, mas também os desejos ali encarnados, marcas das expectativas de uma época, que chamamos aqui de sonhos de futuro. Portanto, entendendo a fotografia não apenas como um registro do que aconteceu, mas também como um registro de expectativas de quem fotografou e foi fotografado, ela se apresenta como imagem de uma experiência constituída historicamente; experiência assinalada pela época em que essas fotografias foram produzidas, como decorrência de uma teia de relações entre o desejo de fixar imagens e a invenção das máquinas, os regimes de verdade, os campos de saber, os vetores de poder, as formas de constituição da subjetividade, os pensamentos e sentimentos acerca do passado e do futuro.

Olhamos para algumas das primeiras fotografias do século XIX convocando uma reflexão acerca do presente. Da atualidade ressoam perguntas a respeito das transformações dos sonhos: da “banalidade” das cenas feitas das janelas, que abrigavam desejos de aprimoramento técnico, de guarda das imagens do mundo, de retenção do tempo que acelerava; para os atuais anseios de compartilhar o presente, de dar muito a ver, de ser preciso (em foco, em alta resolução), de se constituir subjetivamente por meio da visibilidade. Quais são os sonhos, então, que reverberam nas imagens de hoje, neste momento em que fotografar parece embalado para consumo imediato, como um registro da vida sendo vivida que possibilita que nós nos vejamos vivendo e que nós nos mostremos vivendo para os outros – uma forma de aumentar a espessura do presente e também de enfraquecer o vínculo entre imagem e uma demorada experiência de tempo?

**Palavras-chave:** Fotografia; Experiência histórica; Sonhos; Futuro.

## Referências

- AGAMBEN, G. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.  
BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. 3 v.  
DAGUERRE, L. J. M. Daguerreótipo. In: TRACHTENBERG, Alan (org.). *Ensaio sobre fotografia*. Lisboa: Orfeu Negro, 2013.  
FOUCAULT, F. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.



Dissonâncias do contemporâneo:  
Espaços e (des)construção de saberes

Período de submissão dos resumos:  
30 de Novembro de 2020  
até 15 de Janeiro de 2021



**LISSOVSKY, M.** *A máquina de esperar: origem e estética da fotografia moderna.* Rio de Janeiro: Maud X, 2008.

**SANZ, C. L.** Entre o tempo perdido e o instante: cronofotografia, ciência e temporalidade moderna. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 9, n. 2, p. 443-462, maio-ago. 2014.

**SIBILIA, P.** *O show do eu: a intimidade como espetáculo.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.